

Rui Duarte Coelho

Vírus,

Perdigotos e Ajustamentos



Vírus, perdigotos e ajuntamentos

Rui Duarte Coelho

© Rui Duarte Coelho, 2021. Todos os direitos reservados.

O conteúdo deste livro é da inteira responsabilidade do autor.

Revisão: José Luís Cordeiro

Ilustração da capa: Jorge Duarte de Sá

Impressão e acabamento: Líberis – *Print on demand*

1.ª Edição: Setembro de 2021

ISBN [Edição Impressa]: 978-989-782-354-1

ISBN [Edição Digital]: 978-989-782-355-8

Depósito Legal N.º 487433/21

5 LIVROS

Rua da Boavista, 719, 1.º T

4050-110 Porto

Telef.: 222 038 145

Tlm: 919 455 444

www.5livros.pt

info@5livros.pt

Aos meus pais, ao meu filho, à minha família
e à minha família de amigos.
E a ti, ainda mera ilusão de mim,
e ao teu futuro de felicidade.
E à tua mãe.

Índice

Prefácio	11
Tributo – A Folha de Zulmira	13
Capítulo 1 – Segunda-feira.....	23
Capítulo 2 – Confinamento(s)	43
Capítulo 3 – Gastronomia, Desporto e Digital	75
Capítulo 4 – Contos Covidianos	97
Tempo dos carecas	97
Operação Supermercado	102
A alvura das cuecas	109
Toyota-Refúgio	114
A vida e os seus contrários	118
Máscaras	121
Dia de Pandemia	130
Covid – a única doença	135
A estrada da Amizade	142
25 de Abril	149
Capítulo 5– Os heróis	157
Capítulo 6 – Desconfinamento(s)	215
Capítulo 7 – O Futuro	251

Prefácio

Ler é bom. Ler um bom livro é muito bom. Ler um livro que passa, indubitavelmente, a marca do bom é raro e é, também, uma forma de todos os nossos sentidos ficarem em êxtase. Bastava esta brevíssima reflexão para caracterizar este livro que agora nos é apresentado. Contudo, acredito que ele merece muito mais. Quem me conhece sabe que sou um leitor compulsivo e, como tal, não consigo estar muito tempo (entenda-se, dias) sem pegar num novo livro e, se ele me agrada, devorá-lo muito rapidamente. Quando me foi proposto fazer a revisão e, do mesmo modo, escrever o prefácio deste primeiro livro de Rui Duarte Coelho não fiquei, como seria de calcular, em pânico nem pensei duas vezes se deveria aceitar o desafio. Não. Sabia que iria devorá-lo rapidamente. Fiquei encantado, pois sabia que me iria deleitar e deixar seduzir pelas palavras que me aguardavam. Obviamente, não me enganei, pois conheço pessoalmente o autor há mais de cinco décadas e sei o seu valor enquanto homem de letras e de cultura. Nesse aspeto, não me enganei. Mas enganei-me num outro: nunca pensei que este, sendo um primeiro livro, fosse um livro que passa, claramente, a marca do bom. Aliás, creio mesmo que esta primeira obra de Rui Coelho é muito mais do que um livro: é uma obra de arte que reflete, de forma dura e suave, pungente e sensível, a realidade de uma pandemia que avassalou todas as nações deste planeta que habitamos. De modo

sábio e utilizando uma enorme mestria, Rui Coelho envolve-nos e suga-nos a atenção a cada nova página deste livro, fazendo de nós – leitores – não seres passivos, que estão “apenas” a ler um livro de raríssima qualidade, mas seres ávidos de mais desenvolvimento, de mais peripécias, de mais relatos de um mundo real e, infelizmente, sofrido e sofredor. De forma vertiginosa e sem nos deixar fôlego para absorvermos tanta qualidade, o autor consegue, ao mesmo tempo, ironizar com todas as situações descritas e fazer-nos sentir seres minúsculos perante a grandiosidade da sua escrita. A força deste livro é tão grande que, após a sua leitura, não ficamos, certamente, *imunes* à sua mensagem. Pelo contrário, ficamos, felizmente, *contaminados* pela coerência do discurso, pelo rigor da narrativa, pela excelência da forma como as diferentes partes surgem interligadas e, sobretudo, pelo poder de nos mostrar, tal como uma tela perfeita, todo um mundo que ainda está perante os nossos olhos. E isto só os grandes autores conseguem, só os excelentes mestres da literatura nos ensinam, só os enormes escritores ousam e perpetuam.

José Luís Cordeiro

Tributo – A Folha de Zulmira

Há um renascimento em cada dia.

Os homens e demais animais, as plantas, as flores, as árvores e as folhas reerguem-se a todo o momento. E há uma revalorização da vida. Amanhece e o Sol convida todos a uma festa dos sentidos. Os cheiros e as cores vão-se intensificando desde a orvalhada até aos poentes. Em cada manhã é como se não tivesse havido ontem. Nada é igual. A pujança acontece com a subida do Sol que se eleva e vai aquecendo e iluminando todos os corpos. A pouco e pouco, o torpor e a indolência provocada pela noite são substituídos e dão lugar à energia e ao vigor.

É um eterno recomeço.

Zulmira acordava todos os dias bem-disposta. Não se lhe conheciam desânimos. Cada dia era uma festa. Namorava com a vida e cada acordar era o reencontro apaixonado com o seu amor. Mas todos os amores têm desavenças. Há momentos bons e outros maus e, por mais amor que haja, não há nada perfeito. E fazem-se coisas que não se deviam fazer e acontecem coisas que não deviam acontecer.

A vida gostava dela como ela gostava da vida. Era recíproco o amor. Mas, esta pregou-lhe uma partida feia; uma daquelas que podem fazer com que se termine uma relação. Indesculpável. Um golpe baixo. Perdeu um filho bebé. Ainda muito nova buscou razões para ser traída daquela maneira. Chorou dia e noite. E

pensou em acabar com a relação. Durante uns dias, deu-se ao direito de se zangar com a vida. Não se fazia. Iria acabar a relação, pensou. Porém, tinha uma tia que era uma âncora: a tia Elisa, irmã da avó Catarina. Esta também amava a vida. A vida é assim como uma “galdéria” que se deixa amar por quem a queira. A tia também perdera um filho ainda nova, mas não se zangara. Entendera que tinha sido Deus que gostara tanto do seu menino que o reclamara. A Elisa era uma padeira de Aljubarrota. Foi ter com ela e puxou-lhe a alma para cima. E advertiu-a: “Não te admito. Não se voltam as costas ao nosso amor, mesmo que ele nos magoe. Perdoamos sem dar a outra face porque isso só fez Um. Mas damos uma nova oportunidade, se amamos verdadeiramente. É o que vais fazer, se não a tia zanga-se contigo. Amanhã de manhã, vais acordar, vais pôr um vestido bonito, vais pintar esses lábios para ficares bem atraente e vais ter com ela. Deixa-te seduzir e entrega-te ao teu amor. Perdoa-lhe. Põe-te de bem com a vida. Dá-lhe outra oportunidade. E ela dar-te-á motivos para que acredites nela de novo.”

Assim fez e fez-se à vida. Confrontou-a. Desancou-a. Chamou-lhe nomes. Indignou-se muito a sério. Quando Zulmira sentiu que já lhe dissera o que ela merecia ouvir, encarou-a, olhos nos olhos, e propôs-lhe um novo reencontro. A vida assentiu. Afinal também gostava daquela pessoa simples e de bom coração. E voltou a sentir, de novo, o corpo a aquecer com o Sol. A vida voltou a fazer amor com ela e desse reencontro feliz nasceu outro rapazinho.

Estavam as pazes feitas. Não mais se zangaram por maiores que fossem os problemas. Encontravam sempre forma de os ultrapassar. A vida fazia a sua parte, Zulmira fazia a sua. Tudo tinha uma solução. Tudo. “E quando eu não souber como resolver, entrego nas mãos de Deus e ele toma a decisão por mim.” E ia tudo à sua frente “a toque de caixa”. Afinal, que problema maior pode alguém ter do que ir enterrar um filho? Que dor será mais forte

do que nunca mais poder cheirar, beijar, ver, contemplar, abraçar alguém que nasceu de si? Um filho é uma preciosidade, um tesouro, é um dia de Sol à beira mar. É a principal razão da existência de um pai. Ter que o enterrar é morrer por dentro.

Fora capaz de resistir. Voltara a ser mãe para voltar a desempenhar o papel da sua vida. Aquele em que se sentia mais à vontade e que lhe proporcionava mais prazer. E cada manhã era o alvor da felicidade na sua plenitude. Sorria e encantava-se com tudo. Todos os problemas e dificuldades eram coisas menores para ela, perfeitamente resolvíveis. Tirava prazer das pequenas coisas. Não precisava das grandes para ser feliz. E era.

A vida é um livro aberto que se escreve todos os dias. Folhas e folhas já foram escritas. Havia mesmo uma folha dela. Era a folha de Zulmira. Nela, iam ficando registadas as memórias da sua história. As estórias da sua História revelavam uma mulher muito forte, abnegada, decidida. A vida, já com as pazes feitas, decidiu dar-lhe um presente como todos os namorados fazem. E deu-lhe um neto. Sentiu-se mãe de dois e a sua força aumentou. Redobrou-se-lhe a vontade de viver. E chegou a vez dela de magoar a vida, de a enganar. Traiu-a, despudoradamente. Passou a amar mais o neto do que a própria vida.

Foi a vez da vida a perdoar. Estavam quites. Sentia-se recompensada. Agradeceu-lhe, penhoradamente. Transmitiu-lhe o seu apreço com um beijo na testa do neto quando o viu pela primeira vez. Sentiu-se com a mesma força que sentira na juventude.

Renasceu. Floresceu. No livro da vida havia, agora, uma nova folha. Nela foi escrita uma das mais belas histórias de amor de que há memória. Um amor incondicional que não espera nada em troca. Amava pelos dois. Mimou-o. Ouviu-o. Aconselhou-o. Amou-o. Respeitou-o. Protegeu-o. Abraçou-o. Beijou-o.

Do dia em que contava “popós” ao colo da avó até se fazer Homem foi um rápido. O menino zarpou, então. Cidadão do

mundo por natureza, entendeu que não podia continuar confinado a um lugar. A avó sentiu-se morrer um pouco, mas o desespero não a matou por completo. Marcou-a, no entanto, com uma nova cicatriz.

Reagiu, uma vez mais. Uma vez Zulmira perguntou: “Ensina-me a mexer no computador?” O neto estava no estrangeiro, incontactável, como em tempo de pandemia, ao beijo e ao abraço – coisas quentes e maravilhosas – e as saudades queimavam-lhe o peito forte, mas oprimido pela dor. Ela via o seu filho falar com o neto, usando esta ferramenta da era moderna. Ela, que poucos estudos tinha, apesar de ter tirado com a nota máxima a licenciatura da vida, pediu impositivamente “Ensina-me que a mãe aprende!” E todos os dias, durante uma hora, havia uma lição. A inépcia inicial de carregar somente numa tecla era confrangedora. De tal forma que o filho disse-lhe “Mãezinha, desculpa, não é por mal, mas vamos parar com isto. Desculpa dizer-te isto, mas tu não consegues.” Ela aceitou e durante dois dias pararam as lições. Duarte ia todos os dias a sua casa, onde vivia já sem a companhia reconfortante do seu homem, companheiro de mais de cinquenta anos de beijos. As lições aconteciam num computador velho que estava lá em casa. Uma tarde, a mãe olhou para ele com uns olhos que diziam “Não me podes fazer isto. Podes, mas não deves. Ajuda-me a aprender. Eu quero tanto!!!” Lendo-lhe os pensamentos provocou-a: “Zulmira, queres recomeçar as lições?” Sorriu-lhe e rematou: “Amanhã, recomeçamos as aulas.” O que pode dizer um olhar? Tudo. E quando esse olhar tem brilho e ele é intenso como se de um cristal se tratasse? Recostou-se no sofá onde habitualmente se sentava e sorriu, serena e enigmaticamente. Aquela mulher, de quase oitenta e quatro anos, transbordou de alegria porque as aulas iam ser retomadas, única forma de reencontrar o seu amor.

Houve um novo recomeço na vida de uma mulher octogenária.

A vida levará-lhe o neto para Budapeste, uma cidade atraente e bela que cativa quem lá passa. Mira aprendera tudo sobre a arte de carregar numas teclas para conseguir ver o neto num écran grande e poder falar com ele. Por vezes, quando o filho se conectava com o neto, em sua casa, ao vê-lo, fazia festas no écran, tentando sentir algum do seu calor.

Num dia de aniversário, o neto ia a caminho de um restaurante no centro de Budapeste, na companhia dos pais e o seu telefone tocou. Era o convite para uma videochamada. Olhou para o visor, uma e outra vez, e exclamou, sussurradamente, pois as palavras não lhe saíam “É a minha avó!!??” Era. Era ela que aprendera a mexer no computador, como aprendera a lidar com todas as coisas na sua vida. “Ó minha Zulmireca tonta, és tu???! Tu és uma valente, mulher!! ” Ela mostrou-lhe o sorriso mais bonito que alguma vez se vira num écran de um computador, pois era o sorriso da própria vida que nela se ia esfumando. Naquele momento sentiu que a avó renascera, de novo.

Um renovado renascimento de uma mulher idosa que teimava em ser feliz, lutando com todas as adversidades. Daí por diante falaram diversas vezes e mais festas no écran aconteciam, virtuais as festas, reais os sentimentos que aquelas provocavam.

O filho do seu único filho, único filho também, regressou a Lisboa. Foi esperá-lo ao aeroporto. Vestiu-se bonita, pôs o seu melhor sorriso e teve direito a um beijo e a um abraço de uma vida. Era mais um presente que recebia em vida. Podia agora ver o neto mais do que uma vez por ano.

Porém, no dia dezasseis de março de vinte-vinte, disse “A mãe não se demora. Vou só ali ao lugar – nome que os mais velhos davam às mercearias de bairro – Precisas de alguma coisa?” “Não, mãe, não vais.”

Começava o primeiro confinamento. O mundo parava e ela tinha que parar, também, confinada.

Perante aquela ordem, veemente, respondeu com mais interrogações “Então explica à mãe e fala com calma. Como vai ser a minha vida? Já imaginaste o que é, para mim, não poder ir às minhas missas e andar? Sabes que eu não sou uma pessoa de cafés. Não preciso de estar com muita gente, até porque não gosto de muita confusão. Desde que o teu pai partiu, estou sozinha e sinto-me muito bem. Não, não é isso. É não poder sentir o Sol na cara, é não poder inspirar ar puro. É não poder contactar com a rua. Gosto de tudo na rua. Gosto dos banquinhos de jardim onde me sento com a Netinha e conversamos a sentir uma brisa na cara, gosto das luzes, dos cheiros, das cores.” O filho ia a interrompê-la, mas esta interrompeu-lhe a tentativa de interrupção. “Eu adoro a minha casa, como tu sabes. Desculpa, a nossa casa. E não tenho problemas de ficar aqui fechada uns tempos. Eu estou preparada. O que achas, é coisa para um mês?” Perante a interjeição facial do interlocutor, finalizou “Não te quero ver preocupado, pronto, mesmo que sejam dois, a mãe aguenta.”

Adorava a sua casa. Era o seu mundo, literalmente. Desde sempre. Era do tempo em que depois do trabalho cansativo, o seu lugar era em casa, enquanto o marido ia a um café perto de casa, divertir-se. Era assim e assim se habituou. Sendo uma extremosa dona de casa, tinha sempre que fazer e tinha, em alguns rituais, absoluto prazer. Preparar menus deliciosos para a sua família era o prazer dos prazeres. Criava pratos sem ter que procurar receitas nos livros de culinária. Lavava toda a loiça, demoradamente, peça por peça, tão pachorrentamente, que tinha que estar a gostar do que fazia. Quando chegava a uma determinada hora, “Vou abrir camas”. E caprichava na arte de abrir camas – não foi colocado o determinante artigo definido atrás do nome, propositadamente. É como se disséssemos “Vou abraçar pessoas” e não “Vou abraçar as pessoas”, definindo quem. A ausência do determinante artigo definido significa que ela abria qualquer cama – que não

só aquelas – maravilhosamente. Poderão objetar “Mas que importância tem isto?” A diferença é que ela fazia isto com amor e isso era facilmente sentido por quem se deitava “numa cama dela”. A última paixão – *the last but not the least* – era engomar. Qualquer peça de roupa engomada pela Zulmireca – *petit nom* de uma grande mulher – ficava igual a como se tivesse acabado de sair de fábrica. Imaculada. Um dia engomou umas calças com tal perfeição que...o filho nunca mais as vestiu. Não eram calças de vincar, mas, para ela, calças de homem eram todas para vincar. Tudo isto lhe ensinara a avó Catarina, sua mãe.

Passaram cinco longos meses. Continuava a fazer tudo aquilo com um *desvelo* enorme. Trocava, ao pronunciar, as últimas duas sílabas do nome, dislexicamente, porque nunca o tinha ouvido e ele se presta à troca. Com a idade e num contexto que lhe empurrava o ânimo para baixo, continuava a dedicar todo o seu tempo às artes domésticas. Duarte achava graça às rotinas que ela criara quando sentiu que não podia sair de casa. Deitava-se na cama cansada, também por causa do trabalho, mas não só. Dizia que a cama era o seu local de culto onde repousava o corpo e se encontrava com Deus, depois de cada dia de luta. Era uma luta somente sobreviver. Mal tinha tempo para arrumar gavetas, dizia. Tais eram as tarefas caseiras a que se obrigava. Por isso, tudo corria, aparentemente, bem, na primeira vaga da pandemia. Era, contudo, mera aparência, não vislumbrável a olho nu, tal era a alegria e a jovialidade com que continuava a fazer tudo.

Mas um dia acordou, viu-se ao espelho e não se viu. Pela primeira vez na vida, o espelho mostrava-lhe um rosto no ocaso. Considerou o pensamento duro demais para o levar a sério. Por isso, ignorou-o. À noite, ao serão, calmo e sereno como todos os serões, fez catarse do vislumbre daquela mulher que vira ao espelho e disse: “Estou a reparar em ti. Tu tens que pôr creme nessa cara! A mãe tem ali um creme muito bom. Se precisares, podes

usar.” Não quisera ficar refém do pensamento negativo da figura que vira ao espelho. Os cremes podiam até continuar a esconder as rugas da cara, mas não conseguiam mascarar a tristeza da alma. Era real. A pandemia envelhecera-lhe a alma que mantivera jovem, apesar da data longínqua do seu nascimento.

Algum tempo antes de terminar o primeiro confinamento, murmurou, algo a medo “Ouvi dizer que o próximo estado de emergência pode vir a ser renovado. Filho, eu adoro estar em casa, mas não aguento. Sinto que agora só o tempo é que anda; nós estamos parados. Sinto-me cada vez mais parada. Faz-me tanta falta andar”.

Tentando cumprir tudo, o mais possível, sentindo-se a arriscar, foi dar um pequeno passeio a um sítio quase sempre ermo, mas lindíssimo. Regressados a casa, desabafou. “Parece que me viraram do avesso e me lavaram a alma. Sinto-me tão bem. Resisto mais uns tempos.” E sorriu com uma gargalhada sonora, refletindo uma alma em paz e pronta para tudo.

Terminava o primeiro confinamento. Ela, no entanto, continuava com todos os cuidados que tinha que ter, indo somente à rua para respirar. “Eu cumprio todas as regras, mas, às vezes, pergunto-me aonde isto me vai levar”.

No final do verão de vinte-vinte, passou um aniversário surpreendentemente bom, comemorado, de acordo com as novas regras, com os amigos do filho. A confraria do Major e os convivas do Estádio tinham-lhe preparado uma festa surpresa. Não houve apagar de velas, por causa dos perdigotos, nem houve beijos e abraços. Mas ela sentiu que, apesar da singularidade do novo normal, tinha sido imensamente feliz. Começava para si um novo ano. É no dia de cada aniversário que fazemos mais um ano. Então, para ela, começava o octogésimo oitavo ano de existência. Começava-se a formar, paralelamente, uma vaga gigante da pandemia, por esses dias, no início do inverno. O tempo do cair da

folha. A folha de Zulmira ia secando. O calor dera lugar ao frio, os dias grandes deram lugar aos pequenos e, por todos os motivos, parou. Uma máquina não pode parar. Parar é morrer.

À beira do fim da sua passagem por aqui, conversou ao serão: “Não tenho medo do vírus, simplesmente porque não tenho medo de partir. Todos temos que partir e eu considero-me uma privilegiada por ter cá estado tanto tempo e por ter sido tão bem tratada e amada. Quantos velhotes como eu, neste mundo, não estarão a sofrer muito mais do que eu? Eu só tenho a agradecer a Deus que me proporcionou uma vida linda. Eu vou partir, mas quem cá ficar tem que mudar, senão isto não acaba bem para ninguém. A vida tem que ganhar outro rumo. As pessoas têm que se respeitar e respeitar a natureza. Vejo cada vez mais pessoas com comportamentos incorretos. Observo a toda a hora faltas de educação. O que se está a passar pode acontecer mais vezes. Mais desgraças podem acontecer. O caminho não é este, Duarte, não é este.”

O comboio aproximava-se da sua estação. Concederam-lhe o transiberiano por afinidade. Era a hora da sua viagem. Partiu tranquila, neste tempo atípico de pandemia. Atípica, também, a forma como partiu: abraçada e beijada pelo filho. A folha, de Zulmira, fora escrita a tinta da China.

Iria renascer.

Capítulo 1

Segunda-feira

Que sensação, única e estranha, teve naquele momento em que saiu de casa. As mesmas casas, as mesmas árvores, as mesmas lojas do quarteirão onde vivia permaneciam em *su sítio*, alheias aos homens e aos seus comportamentos. Das janelas pendiam as mesmas roupas, como habitualmente a secar ao Sol que, timidamente, lhe dizia os bons dias. O Sol, esse, era também o mesmo, embora não lhe tivesse aquecido a alma como em tantas manhãs da sua já longa existência. As ruas e as veredas, lavadas pela chuva que caíra, espelhavam um ambiente de filme. Um vento áspero e forte fazia-se sentir. Olhou um arco-íris que se desenhava no horizonte. A luz do Sol brincara com a chuva e a felicidade que sentira expressava-se num arco multicolor que abraçava a terra. Algo estava diferente. A própria atmosfera estava diferente. A estranheza ligava-se aos sentidos. Olhou, mas não viu o que costumava ver; inspirou, mas não cheirou o que costumava cheirar; foi, no entanto, o sentido da audição que mais o incomodou. Ouviu somente o silêncio. Apurou o ouvido e mais silêncio se fez ouvir. Interrogou-se sobre que dia seria, afinal.

Era a terceira segunda-feira de março, mas não era uma banal segunda-feira em que recomeça, paulatinamente, a azáfama e a correria desenfreada das gentes, em que cada um corre, mesmo que não saiba para onde nem para quê. Alguém disse aos habitantes do planeta, desde tempos imemoriais, que importa correr

sempre mais e mais, mesmo que acumulando um stress arrasador e nefasto, porque há um pote de ouro à sua espera no final desta corrida que é a vida, na mesma medida em que sete virgens esperam por outros, noutras paragens.

As segundas-feiras deste mundo, para a grande maioria das pessoas, são os dias em que iniciamos as viagens na grande montanha russa. O mundo é um carrossel. As viagens, alucinantes e que nos põem, tantas vezes, de cabeça para baixo, ou mesmo que nos fazem perder a cabeça, duram toda a semana. A velocidade é cada vez mais vertiginosa e estonteante. Não há tempo para pensar nem tempo... a ganhar. A cada viagem sucede outra viagem, ininterruptamente, sem haver tempo para sair ou descansar. Nova viagem, nova corrida, nova corrida, nova viagem. O cansaço acumula-se e chega nova segunda-feira. Sobrevive-se tantas vezes em vez de se viver. Em alguns momentos, algumas pessoas conseguem sair do carrossel, ou melhor dizendo “é-lhes permitido”, mesmo tendo bilhete para a viagem seguinte, e, de fora, apercebem-se com maior nitidez do semblante das pessoas que andam na faina da vida. Homens e mulheres andam numa roda viva, num virote, como diziam os antigos. E é vê-los, doidos e sem prazer, a cumprirem com as suas obrigações.

Aquela segunda-feira amanheceu como qualquer outra. Aparentemente, assistiríamos aos mesmos quadros, às mesmas cenas e aos mesmos atos deste teatro que é a vida. O dono da barbearia estaria a abrir o seu estabelecimento comercial para escanhoar barbas e cortar cabelos, a cabeleireira do bairro prepararia tudo para cuidar e embelezar os cabelos de novas e velhas, bonitas ou feias, casais de velhotes já estariam a dar o seu passeio matinal, bem como os cães acompanhados dos seus donos

Mas, de repente, o carrossel parou, naquele início de semana.

Inexplicavelmente, o carrossel parou. Mais propriamente, não houve a feira, a segunda. As máquinas pararam, desarmaram as